

# Desporto e pós-humanidade

João Manuel Duque

Universidade Católica Portuguesa

O desporto, nomeadamente o desporto de alto rendimento, convoca atualmente uma reflexão sobre a condição humana, seja porque, através do seu desenvolvimento extremo ou através dos imensos recursos tecnológicos envolvidos, parece prometer a superação do humano, seja porque, na sua inevitável ligação à condição corpórea do humano, permite tomar consciência daquilo que nos define e que, em certo modo, implica a aceitação e convivência saudável com os limites da natureza humana. De seguida propõe-se uma abordagem sintética desta questão, situando-a numa conceção genérica do desporto e explorando-a no debate com atuais utopias trans-humanistas.

## O desporto

Início as minhas breves considerações com uma aproximação geral à própria realidade do desporto<sup>1</sup>. Têm sido vários os paralelismos traçados entre o desporto e outros dinamismos da vida humana, para tentar explicar esta realidade, em rigor estranha ao humano, se considerarmos simplesmente a sua necessidade de sobrevivência.

Tendo como pano de fundo a competição inerente à maioria das práticas desportivas, o paralelismo mais imediato e habitual tendo sido aquele que relaciona o desporto com o potencial de violência que parece ser inerente ao relacionamento inter-humano. O desporto seria, pois, uma representação e, ao mesmo tempo, uma espécie de descarga catártica da violência latente nesse relacionamento, potenciando-a, às vezes, ou controlando-a, na maior parte

---

<sup>1</sup> Para o que se segue, ver o primeiro capítulo de Harvey (2015).

dos casos. No já famoso dizer de George Orwell (1945), o desporto seria «uma guerra sem espingardas»<sup>2</sup>. Esta aproximação não é desprovida de sentido – sendo embora mais explícita nuns desportos que noutros – mas não esgotará todos os significados da prática desportiva.

Uma outra aproximação pretende que, quando falamos em desporto como representação do mundo da vida humana – ou da sua relação com o resto do mundo – estejamos claramente a estabelecer uma relação com a ritualidade, enquanto dimensão da ação humana com características muito próprias (Higgs e Braswell 2004)<sup>3</sup>. Porque a ação ritual tem por função representar o sentido, seja ele qual for e como for. E fá-lo criando mundos próprios, com regras próprias, não determinadas pelas regras do quotidiano. Uma celebração comunitária deste género parece corresponder àquilo que, em realidade, pretende o desporto, embora isso, de novo, seja mais visível numas modalidades que noutras.

Em continuidade com esta leitura do desporto como ritualidade, há quem prefira concentrar-se num aspeto da dimensão ritual, que é precisamente a sua não necessidade e não funcionalidade. Para isso, recorre-se ao conceito de *jogo*. O desporto, enquanto jogo, não existe em função de nada nem para nada – muito menos por razões económicas – mas é o contexto em que os humanos celebram, livremente, a contingência ou gratuidade do seu ser, simplesmente jogando (Harvey 2015, 150 ss.)<sup>4</sup>.

Outras leituras parciais poderiam ser consideradas, como sejam as que definem o desporto como descarga de energias em excesso, como recuperação do cansaço, como educação dos instintos, como válvula de escape para as emoções, como criação de modelos de situações possíveis, para gerir o futuro, como meio para resolver conflitos psíquicos, etc. (Johnston 1997). São, sem dúvida, elementos mais ou menos presentes na prática desportiva. Mas interpretam o desporto sempre a partir de algo exterior, ao serviço do qual é colocado; não a partir de si mesmo.

Se transitarmos da questão geral de uma definição do desporto para contextos particulares da sua aplicação, surge-nos aquilo que, sobretudo mediaticamente, hoje se tornou mais visível e que se pode reunir no conceito de

---

<sup>2</sup> Ver Spivey (2012).

<sup>3</sup> Sobre a compreensão da ritualidade, ver Duque (2018).

<sup>4</sup> O autor inspira-se na clássica obra de Huizinga (2015).

«desporto de alto rendimento». Nesse contexto, o acento é colocado na relação entre o limite e a sua superação, como é claramente enunciado no texto programático deste colóquio: «A modernidade enfatizou a ideia de *performance* desportiva como “superação de si”, num contexto em que o conhecimento do mundo se abria a novas fronteiras. Para além da ética e da espiritualidade, a tecnologia tornou-se um fator decisivo na caracterização da experiência de superação própria das culturas desportivas.»

Neste sentido, ainda, a prática desportiva é sobretudo significativa como experiência de si na mediação do corpo, precisamente no jogo entre limite e superação. Estamos claramente no âmbito preciso da experiência de si como corpo: seja a experiência corpórea do “si mesmo”, seja a experiência que o “si mesmo” faz do corpo próprio, enquanto outro. O corpo acaba por ser assumido na dupla dimensão de sujeito da experiência e objeto da experimentação. Mas deixo esse aspeto preciso mais para diante.

Para já interessa salientar que o desporto de alto rendimento evoca, entre outros aspetos, uma relação ao corpo próprio que envolve o dinamismo do desejo. Porque a relação entre limite e superação não se refere apenas à experiência quotidiana do “si mesmo” como corpo – a qual pode não tocar nesse binómio, mas apenas limitar-se a ser o modo como nos sentimos sendo, no mundo, precisamente na vulnerabilidade corpórea assumida. A relação entre limite e superação assenta, pelo contrário, num dinamismo do desejo, por relação a um ideal procurado – em última instância, com certo estatuto escatológico – o qual vai determinar o próprio processo de superação permanente, incluindo os modos de a realizar, e que pressupõem uma ideia reguladora de humano ou de perfeição humana. Esta ideia de perfeição acaba por assumir o lugar de certos modos de conceber a noção de salvação, frequente em muitas tradições religiosas. Estabelece-se, assim, uma espécie de continuidade entre superação do limite e utopia da perfeição, como redenção do humano, enquanto redenção ou superação do próprio limite. É sobretudo neste cenário que se coloca a questão do pós-humano.

### Desejo e utopia: corpo paradoxal

O perfil do denominado pós-humanismo, apesar dos seus múltiplos significados (Braidotti 2015), pode relacionar-se, no essencial, com a tradição das

utopias da perfeição humana, que já na Grécia antiga pretendia aproximar os humanos dos deuses, transpondo precisamente o umbral dessa distinção fundamental. Interessantemente, o desporto foi, já aí, um lugar privilegiado para essa transposição, sendo essa motivação precisamente uma das fontes da criação das olimpíadas, até já no nome a evocar a sua dimensão «divina».

O pós-humanismo contemporâneo, sendo sobretudo de raiz tecnológica, reedita, contudo, uma outra matriz utópica, protagonizada historicamente de modo mais explícito pelos diversos gnosticismos<sup>5</sup>. De um modo geral e sem entrar nas diferentes nuances dos variados paradigmas, a condição corpórea do humano é considerada a própria fonte da sua imperfeição, de tal maneira que o desejo utópico da perfeição conduz, essencialmente, ao desejo de superação final do corpo, através de mecanismos que o possam dispensar. Os implantes e as próteses que levam à criação do *cyborg*, por exemplo, acabam por reconstruir e desconstruir o corpo, de modo a anular as suas fragilidades, acabando por, em realidade, o anular enquanto corpo humano (e por isso mesmo se trata de algo já pós-humano) (Benanti 2012). Por outro lado, certas utopias cibernéticas atuais, pretendendo o desenvolvimento de identidades humanas plenamente *on-line*, acabam por identificar o humano com pura informação, o que reedita a perspetiva gnóstica tradicional, considerando realizada a utopia da libertação do corpo, pela transferência da informação para suportes cibernéticos.

No contexto específico das diversas formas da utopia pós-humana, sobressai o denominado «trans-humanismo», que explora precisamente uma noção de ser humano como objeto de permanente aperfeiçoamento ou melhoria (*improvement* e *enhancement*). É neste contexto que surge a ideia do «homem aumentado» (Magnin 2017), como transição para o trans-humanismo.

É claro que, na sua versão moderada ou mesmo neutra (se é que essa neutralidade pode existir), o processo de melhoramento da vida humana é de sempre e manifesta-se em numerosos aspetos do quotidiano. Por exemplo, a nossa época tem conhecido um aumento expressivo da esperança de vida, precisamente através de recursos que aumentam a capacidade de sobrevivência. Interessantemente, esta melhoria não está separada da prática desportiva. Mesmo que seja suportada, em grande parte, por medicamentos e outras intervenções da medicina, não é menos certo que o aumento de

---

<sup>5</sup> Para um maior desenvolvimento desta tese, ver Duque (2016).

práticas denominadas «saudáveis», nas quais se inclui a prática regular do desporto, tem contribuído significativamente para esse melhoramento – acompanhado da utopia do fim do envelhecimento, como versão possível do eterno desejo de imortalidade.

Embora neste contexto se possa considerar a melhoria como aumento ou aperfeiçoamento das capacidades do corpo, em realidade o trans-humanismo – como versão mais radical deste projeto de melhoria do humano – aponta, como todo o pós-humanismo, para um patamar em que o corpo seja finalmente superado, precisamente através do recurso à tecnologia. Só aí o aperfeiçoamento será completo, permitindo uma espécie de imortalidade – enquanto imortalidade da «alma», isto é, de uma componente «espiritual», que hoje é frequentemente identificada com a informação suportada pela mente humana.

O desporto – pelos menos a maioria dos desportos, e mais especificamente os desportos de alto rendimento – implica, contudo, uma inevitável relação ao corpo, até mesmo como caminho de aperfeiçoamento, embora muitas vezes no limiar da ambiguidade provocada pela sua transformação tecnológica ou farmacológica. Nesse sentido, o processo de melhoria do humano, em busca de um ideal de perfeição, é-lhe inerente. Mas essa espécie de trans-humanismo não coincide com a total superação do corpo, pelo abandono da condição corpórea do humano – na qual, o próprio desporto deixaria de fazer sentido. Coincide, precisamente, com um modo de relação ao corpo que o toma como uma espécie de objeto sujeito a transformação, para levar o humano cada vez mais longe. Mas pretende levá-lo, paradoxalmente, a esse «lugar» utópico, em rigor sem limites predefinidos, através do corpo e não sem o corpo.

No processo de melhoria do corpo, tal como praticado no desporto de alto rendimento, pode perceber-se uma tensão ambivalente: a tensão entre o sujeito do desporto e do respetivo aperfeiçoamento – que inclui o corpo do sujeito ou como sujeito – e o corpo como objeto, sobre o qual é exercida uma modalidade própria de poder, como manifestação do domínio do humano sobre o humano, ou até mesmo como manifestação do domínio do sujeito sobre si mesmo (Foucault 2012).

Nesta relação ao corpo instaura-se uma espécie de ambivalência, que em realidade acompanha toda a experiência humana do corpo – próprio e do outro: precisamente a ambivalência e às vezes mesmo a tensão entre *ter* um corpo e *ser* um corpo. É claro que, do ponto de vista da antropologia aqui assumida, os humanos são corpos e não seres de outra ordem, que possuem um

corpo como algo extrínseco. De qualquer modo, o corpo que somos surge-nos, também, como «algo» que temos e que conseguimos «observar» como objeto – ainda que essa observação seja realizada, por seu turno, pelo corpo. Vergílio Ferreira (1994), no seu admirável ensaio «Invocação ao meu corpo», exprime de forma única esta relação ambígua entre o corpo que somos e o corpo que temos, entre o sermos nós como corpo que nos sentimos, e o termos uma relação nem sempre fácil com um corpo que chega a contradizer-nos ou, pelo menos, a incomodar-nos.

É neste intervalo, que implica uma espécie de distância a nós mesmos, que o corpo chega a ser tratado como objeto, nomeadamente através de manipulação e, por esse caminho, de aperfeiçoamento. Também no desporto, os corpos são frequentemente manipulados como objetos, para atingir níveis de «produção» sempre mais elevados. E desse modo ganhamos distância em relação ao corpo próprio e ao corpo dos outros. Contudo, em realidade, nunca é possível manipular o corpo que temos sem que isso afete o corpo que somos. Em todas as dimensões do humano. A manipulação de objetos transforma-se assim inevitavelmente em manipulação de sujeitos – até à manipulação de si mesmo.

No desporto, a manipulação do corpo do desportista, pelos outros ou por si mesmo, pode levar à completa degradação do mesmo como objeto. Mas, quando isso acontece, não é o corpo como puro objeto que é sujeito a essa degradação, senão sempre também o sujeito que é corpo. Por outro lado, a potenciação das capacidades do corpo, como objeto, acaba por coincidir com a potenciação das capacidades do sujeito, através do trabalho sobre si mesmo ou através do trabalho de outros sobre si.

Nesse processo – que inclui sempre um determinado desejo de perfeição e, ao mesmo tempo, a relação a um inevitável limite corpóreo na perseguição dessa perfeição – exprime-se a própria ambiguidade (quase poderíamos dizer a aporia) interna do desporto de alto rendimento. Este, por um lado, vive da necessária vinculação ao corpo, onde experimenta precisamente os limites a superar, ou seja, a sua própria essência; e, por outro lado, trabalha num processo de «melhoria» do corpo que esconde um certo desejo de libertação final do corpo. Ou seja, aquilo que possibilita o desporto de alto rendimento – precisamente o corpo limitado e vulnerável – é aquilo mesmo que coloca entraves à realização desse mesmo rendimento, precisamente por ser limitado. O próprio processo de superação permanente – que chega a provocar o recurso a meios

altamente problemáticos, mesmo do ponto de vista físico – manifesta a tensão interna deste nível de desporto. Esta tensão ambivalente entre inevitável corporeidade e desejo de superação do corpo evoca a relação do humano aos seus limites, como base essencial da condição humana. Somos assim conduzidos, pelo próprio dinamismo de aperfeiçoamento desejado e praticado, nos limites das possibilidades impostas e permitidas pelos corpos reais, a uma antropologia do sujeito vulnerável.

### Antropologia do sujeito vulnerável

O envolvimento do humano na sua corporeidade paradoxal, em que o corpo é, ao mesmo tempo, o lugar e o limite do desejo, implica uma noção de humanidade que contraria os trans-humanismos radicais. A perfeição do humano, neste sentido, não se mede pela superação do corpo, mas precisamente pelos modos como se pode experimentar o corpo, na permanente tensão entre o corpo que se tem e o corpo que se é. É precisamente nessa experiência dos corpos – como experiência do corpo do outro no corpo próprio, mas também como experiência do corpo próprio na relação física e simbólica com o corpo do outro – que o humano se experimenta como ser vulnerável. Como ser fisicamente vulnerável – porque biologicamente frágil, limitado, sujeito ao cansaço, a processos de envelhecimento, etc. – e como ser eticamente vulnerável, pois está exposto à possibilidade de ser manipulado pelo outro. Esta exposição, contudo, constitui também a base de uma relação ética positiva possível: a relação de cuidado inter-humano, ou mesmo de cuidado consigo mesmo. É precisamente a condição vulnerável do humano que exige esse cuidado, expresso no conceito de responsabilidade, enquanto fundamento de qualquer ética (Jonas 1984).

Do ponto de vista desportivo, estamos perante a exigência ética fundamental do cuidado de si mesmo, enquanto ser corpóreo, evitando manipulações de si que anulem a dimensão corporal e os seus inevitáveis limites. A possível loucura da utopia alerta para essa necessidade de cuidado e vigília permanentes, para evitar que, no processo de aperfeiçoamento do humano se descuide o que define esse humano mesmo – e precisamente o distingue dos «deuses». Mas o mundo do desporto, sobretudo quando transformado em indústria desportiva, lança a exigência ética fundamental do cuidado com os

outros, precisamente enquanto corpos vulneráveis que, no desejo paradoxal de superar essa vulnerabilidade, são manipulados como objetos ou máquinas ao serviço de interesses problemáticos – ainda que seja o puro interesse da superação do humano e dos seus limites.

Sendo o desporto precisamente o campo em que os humanos-corpos, em interação, se debruçam pragmaticamente sobre a sua corporeidade, pretendendo expandir permanente os limites para além do já conseguido, acaba por ser o lugar em que o humano mais explicitamente se apercebe precisamente desses limites. Em rigor, quando se vai ao limite é quando esse limite se torna mais consciente. Sendo assim, o desporto pode ser considerado, em alguns dos seus aspetos, como o lugar em que o humano mais claramente toma consciência de si mesmo e da sua condição limitada, aprendendo a viver com ela.

São os limites físicos permanentes, no processo quotidiano de treino, aquilo que em primeiro lugar provoca essa consciência; são também as derrotas sofridas, que permitem tomar consciência de que nem sempre a vitória é a marca da nossa condição; são os limites psíquicos que, muitas vezes, são determinantes para aquilo que se consegue e que não se consegue; são os limites da idade, que um processo natural de envelhecimento torna presentes.

Todos estes limites são mais evidentes quando se expõem à luz do dia. E isso acontece precisamente de forma mais explícita quando se tocam os limites. E é o que acontece no desporto, sobretudo no desporto de alto rendimento. Porque, de facto, no quotidiano da existência, não sendo habituais as experiências-limite, podem ser evitadas as experiências do limite, silenciando-as e chegando assim a criar a ilusão de se viver uma condição ilimitada. É precisamente na medida em que nos aproximamos dessas experiências-limite – nomeadamente através da experiência das possibilidades quase impossíveis do corpo humano – que mais explicitamente fazemos experiência da condição limitada que nos define, mesmo que esses limites não estejam definitivamente pré-estabelecidos. É na articulação dinâmica e por vezes tensional entre experiência do limite e superação do limite que tomamos consciência daquilo que somos, como seres corpóreos.

Em época de efervescentes utopias do pós-humano, o desporto de alto rendimento, parecendo embora fascinado pela superação do humano, nomeadamente através dos ideais da melhoria e aperfeiçoamento, ou do humano aumentado, acaba por se revelar como lugar privilegiado da experiência do

humano, enquanto condição vulnerável e limitada, possibilitando a articulação de um desejo sem fim, mas sempre nas condições impostas pela finitude que nos define.

## Bibliografia

- Benanti, Paolo. 2012. *The Cyborg: Corpo e Corporeità nell'Epoca del Post-Humano*. Assisi: Cittadella Editrice.
- Braidotti, Rosi. 2015. *Lo Posthumano*. Barcelona: Gedisa.
- Duque, João M. 2016. «Utopias neo-gnósticas do pós-humano na cibercultura: para uma leitura filosófico-teológica». *Perspetiva Teológica*, 48, n.º 1: 163-182.
- Duque, João M. 2018. «Ritualidade da arte, performatividade da memória». *Rever*, 18, n.º 1: 11-30.
- Ferreira, Vergílio. 1994. *Invocação ao Meu Corpo*. Venda Nova: Bertrand.
- Foucault, Michel. 2012. *Du gouvernement des vivants: Cours au Collège de France 1978-1979*. Paris: Seuil, Gallimard.
- Harvey, Lincoln. 2015. *Breve Teologia dello Sport*. Brescia: Queriniana.
- Higgs, Robert J., and Michael C. Braswell. 2004. *An Unholy Alliance: The Sacred and Modern Sport*. Macon (GA): Mercer University Press.
- Huizinga, Johann. 2015. *Homo Ludens*. Lisboa: Edições 70.
- Johnston, Robert K. 1997. *The Christian at Play*. Grand Rapides (MI): Eerdmans.
- Jonas, Hans. 1984. *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die Technologische Zivilization*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Magnin, Thierry. 2017. *Penser l'humain au temps de l'homme augmenté*. Paris: Albin Michel.
- Orwell, George. 1945. «The sporting spirit», *Tribune*, 14 de dezembro.
- Spivey, Nigel. 2012. *The Ancient Olympics*. Oxford: Oxford University Press.